

## **A ordem de Adriano E outras narrativas da porta dos infernos<sup>1</sup>**

**Gregory Buchakjian**

Passei a noite de 13 para 14 de outubro de 2019 a ofegar, delirar, sufocar, pensando que estava doente, louco, ou ambas as coisas. De manhã, o céu estava de um bege-alaranjado, espesso, brumoso, granuloso. Não era um vento de areia como por vezes acontece na primavera. Era o fogo. O país estava a ser pasto dos incêndios florestais mais devastadores da sua história. Este tipo de drama ambiental não só é próprio do Líbano, como também se tornou a regra. Da Amazónia à Austrália, as políticas, confessadas ou não, de desmatamento em proveito da pecuária ou de outros negócios lucrativos estão a transformar vastos territórios em braseiros e a ameaçar o equilíbrio do planeta.

Em dezembro de 2018, uma mulher que participava numa visita guiada da minha exposição *Habitats Abandonados* no Museu Surssock de Beirute contou a sua história. Durante a guerra, na década de 1980, o prédio de Beirute que a sua família possuía fora ocupado e desmantelado pelas milícias. Decidira, então, partir para longe, para dar à filha um futuro melhor, e instalara-se numa linda casa em Malibu. No outono de 2018, a zona de Malibu ardeu e, com ela, a sua casa. Esta mulher, que por duas vezes perdera tudo, era admirável em dignidade e coragem.

---

<sup>1</sup> Tradução de Rita Basílio.



Rechmaya, tronco de árvore calcinado. Fotografia: Gregory Buchakjian

No Líbano, como noutros lugares, as florestas sempre estiveram ameaçadas. No museu do Louvre, entre os frisos monumentais provenientes do palácio do rei assírio Sargão II, em Khorsabad, encontra-se o relevo em gesso conhecido como *Transporte da madeira*. Na legenda está escrito:

O Líbano era famoso pelas suas florestas de cedros e, desde o final do segundo milénio, os governantes assírios abasteciam-se nesta região, como nos dizem os textos cuneiformes. A madeira cortada nas montanhas do Líbano era transportada de Sidon para um porto situado o sul de Tiro. Era embarcada em navios, que navegavam ao longo da costa fenícia em direção ao norte, passando ao largo de Tiro, depois de Ruad, para descarregarem, sem dúvida, na foz do Oronte. Daí, a madeira seria encaminhada, por vias fluviais e terrestres, para a Assíria.<sup>2</sup>

Alguns séculos antes, Hiram I, rei de Tiro, «forneceu a Salomão madeira de cedro e de zimbro na quantidade que ele quis»<sup>3</sup>. Após a construção do Templo em

<sup>2</sup> *Friso do transporte de madeira*. Época néo-assíria, por volta de 713-706 antes de J.C. ; Khorsabad, l'antique Dur Sharrukin, Iraq. Bas-relief, albâtre gypseux. Paris, Museu do Louvre, Departamento das antiguidades orientais, inv. O19888, fouilles de P-E. Botta, 1844.

<sup>3</sup> Reis, 1, 5:13.

A ordem de Adriano  
E outras narrativas da porta dos infernos  
Gregory Buchakjian

**dob** **La**

Jerusalém, Salomão «construiu a Casa da Floresta do Líbano: tinha 100 côvados de comprimento, 50 côvados de largura e 30 côvados de altura. Foi construída sobre quatro fileiras de colunas de cedro; nestas colunas apoiavam-se vigas de cedro. Havia painéis de madeira de cedro por cima das travessas que assentavam sobre as colunas”<sup>4</sup>.

Estes episódios serviram, durante muito tempo, uma narrativa de glorificação dos Fenícios, graças aos quais teriam sido construídas as grandes civilizações da Antiguidade. Um olhar mais crítico constatará que os Fenícios enriqueceram e, no processo, saquearam os recursos naturais do seu país. Daí a dupla mentira sobre a qual se construiu a identidade libanesa entre o século XIX e o final da Grande Guerra.



Reserve naturelle du Chouf. Photo : Gregory Buchakjian

A primeira mentira é o mito do fenicianismo, adubada pelos maronitas com o apoio da França, quando, «claramente, entre a antiga Fenícia e o Líbano medieval e

---

<sup>4</sup> Reis, 1, 7:2.

moderno, não há conexão histórica demonstrável”<sup>5</sup>. A segunda mentira na escolha do cedro escolhido como nosso emblema nacional, porque, em última análise, se trata de um símbolo negativo, o que já não tínhamos, ou o que perderíamos.

Era necessário este retorno aos tempos bíblicos para salientar até que ponto a paisagem deste país, a que a sua população e os seus visitantes estão tão apegados, é constantemente objeto de luta.

Em 2015, uma exposição no Beirut Art Center fez-me recordar uma intriga que chegara às manchetes na década de 1980, durante a guerra: lixo tóxico importado ilegalmente da Itália e armazenado em plena natureza, no que, na altura, chamavam «reduto cristão». Tendo crescido na área onde se encontrava este lixo, Jessika Khazrik quis saber mais. As suas explorações levaram-na ao arquivo fotográfico do ecotoxicólogo e farmacólogo Pierre Malychef, encarregado da investigação científica. Após sete anos de investigação, o procurador acusou Malychef de falso testemunho. Em vez de considerar as fotografias, relatórios científicos e testes como provas materiais do comércio de lixo tóxico orquestrado pela milícia cristã, que então impunha a sua lei, o procurador acusou o cientista de ter fabricado e encenado aqueles materiais. O procurador chegou ao ponto de usar as fotografias de Malychef como prova dessa encenação, quando eram, como é lógico, documentos que fundamentavam o seu estudo. A instalação de Jessika Khazrik *The Blue Barrel Grove* lembrava duas coisas aos visitantes: os perigos dos produtos espalhados pelo território – viria a conhecer-se a dimensão desses perigos em 4 de agosto de 2020 – e o encarniçado empenhamento das autoridades na proteção dos infratores, mesmo implicando meter na prisão os seus próprios investigadores.

Nas décadas do pós-guerra, as mesmas fações no poder fecharam os olhos a milhares de construções ilegais, quando não foram os ministros a mudar a lei durante um período de 24 horas, o tempo de ser passada licença às suas. Também fecharam os olhos às inúmeras pedreiras que abriam tantas chagas na paisagem que, em 2018, *The Independent* anunciava que «as montanhas do Líbano estavam a ser varridas do mapa, sem que ninguém se importasse com isso».<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Kamal Salibi (1988). *A House of Many Mansions. The History of Lebanon Reconsidered*, p.177. Londres: I. B. Tauris.

<sup>6</sup> Robert Fisk (2018, 8 de junho). Lebanon’s mountains are being wiped from the map – but does anyone care?. In *The Independent*, 8 juin 2018.



Majdal Tarchiche, pedreira. Fotografia: Gregory Buchakjian. Esta imagem faz parte de *Fragments from the Ridge Line*, produzido para *The Place that Remains*, Pavilhão do Líbano na Bienal de arquitetura de Veneza, 2018.

Mesmo antes de os barris tóxicos chegarem às manchetes, o país já estava acostumado a ver-se transformado em caixote do lixo. Os anos de guerra viram uma degradação do espaço público e do meio ambiente, degradação da qual uma das pragas mais proeminentes foi a descarga dita da Normandia. No litoral de Beirute, após a chamada batalha dos hotéis, que esteve acesa entre 1975 e 1976, um dos cantos mais agradáveis da cidade conheceu uma nova atribuição:

A pequena baía que se encontra abaixo da Avenida dos Franceses tornou-se uma lixeira gigante: todos os dias, dezenas de camiões municipais vêm despejar ali o produto da coleta de lixo doméstico da capital. Uma camada de imundícies, uma camada de areia, uma nova camada de imundícies, e assim por diante, uma técnica supostamente usada na construção do Aeroporto Kennedy em Nova York. A ideia é encher parcialmente o mar e, na superfície assim adquirida, construir posteriormente um jardim público, previsto no novo plano urbanístico, em frente ao Hotel Hilton. Mas porquê fazer um aterro no mar com dejetos nauseabundos? Por um motivo muito simples: já não sabemos onde os descartar e, como a estação de tratamento de lixo foi destruída durante os aconteci-

mentos, utiliza-se então o lixo como aterro e dissimula-se (...) cada nova camada com uma camada de areia.<sup>7</sup>

Na década de 1990, a lixeira recebeu entulho da guerra e do pós-guerra, mais lixo, mas também fragmentos arquitetónicos de prédios históricos e vestígios arqueológicos arrancados pelos bulldozers da Solidere, a empresa responsável pela reconstrução. Esta lixeira ficou tão grande que se arranhou outra, na costa norte, e assim por diante. Enquanto no mundo se elaboravam soluções para reciclar o lixo, a classe política libanesa não queria saber disso para nada. No verão de 2015 – finalmente, direi – estalava a «Crise do Lixo», depois de uma enésima lixeira ter ficado saturada e de não se ter, antecipadamente, buscado solução. As manchetes da imprensa internacional dão uma ideia da amplitude do desastre:

«Lebanon is drowning in its own waste», BBC<sup>8</sup>

«Lebanon garbage crisis pollutes Mediterranean», Deutsche Welle<sup>9</sup>

«Un torrent de déchets dans les rues de Beyrouth», Le Monde<sup>10</sup>

O verão de 2015 terá sido uma preparação para o insuportável. Montículos abjetos e intermináveis a ocupar as calçadas, artérias inteiras e encostas de montanhas, para os quais não se encontrou melhor solução do que atear-lhes fogo, com o risco de sufocar e envenenar populações inteiras. A partir de 22 de agosto de 2015, grandes manifestações denunciaram a incúria do governo e da classe dominante. Ao contrário do período de 2005-2008, em que os movimentos de massas se tinham polarizado entre os dois principais campos políticos do país, agora, os que saíam à rua opunham-se a todos os que partilhavam o poder e que contam ainda, há que o dizer, com uma importante base popular, graças ao clientelismo e ao regime de medo que conseguiram instaurar. Mesmo assim, o verão de 2015, e o seu slogan «You stink» – vocês fedem –, inaugurava uma nova fase de protesto e trazia consigo as primícias de outubro de 2019. Seis anos mais tarde, o Líbano ainda vive sob a espada de Dâmocles das lixeiras. A ameaça ressurgue regularmente e revela, como acontece com as pedreiras, o

<sup>6</sup> «Ordures aujourd'hui, jardin public demain». [Lixo hoje, jardim público amanhã]. In *L'Orient-Le Jour*, 9 avril 1977, p.3.

<sup>8</sup> «Lebanon is drowning in its own waste», [O Líbano está a afogar-se no seu próprio lixo]. BBC, 28 mars 2018. <https://www.bbc.com/future/article/20180328-lebanon-is-drowning-in-its-own-waste>

<sup>9</sup> «Lebanon garbage crisis pollutes Mediterranean», [A crise do lixo do Líbano polui o Mediterrâneo] DW, 14 juin 2017. <https://www.dw.com/en/lebanon-garbage-crisis-pollutes-mediterranean/a-36234663>

<sup>10</sup> «Un torrent de déchets dans les rues de Beyrouth» [Uma torrente de dejetos nas ruas de Beirute]. *Le Monde*, 12 septembre 2018. [https://www.lemonde.fr/planete/video/2018/09/12/un-torrent-de-dechets-envahit-beyrouth\\_5354064\\_3244.html](https://www.lemonde.fr/planete/video/2018/09/12/un-torrent-de-dechets-envahit-beyrouth_5354064_3244.html)

encarniçado empenho da classe política mafiosa em deixar o país e a sua população entrarem em colapso e afundarem-se.



Barragem de Chabrouh. Fotografia: Gregory Buchakjian

A este empenho que se pode qualificar como «passivo» – mesmo estando longe de o ser – junta-se o da construção. Em 2010, o Ministro da Energia e genro do futuro Presidente da República lançava a sua «Estratégia Nacional de Recursos Hídricos» com «o direito de todo o cidadão, a riqueza de toda a nação» como slogan e dois mil milhões de dólares como orçamento<sup>11</sup>. O resultado seria tão edificante quanto as promessas.

Barragem de Chabrouh: 22.000 a 33.000 metros cúbicos de perdas por dia.  
 Barragem de Brissa: incapacidade de conservação de água, sendo o solo de calcário.  
 Barragem de Balaa: Impossibilidade de retenção de água, sendo o solo composto por fossas.

<sup>11</sup> Gebran Bassil, «Estratégia nacional de recursos hidráulicos» [em árabe]. Beyrouth, Ministério dos Recursos hidráulicos e elétricos, 27 de dezembro de 2010, Governo libanês, decreto n.2 de março de 2012.

Barragem de Janna: destruição de um dos ecossistemas mais ricos do país e da qualidade das suas águas.

Barragem da Mseilha: impossível de operar por estar muito próxima do estuário.<sup>12</sup>

Em 2017, a ONG Lebanon Eco Movement apontava para um projeto de barragem situada em Bisri, a 35 quilômetros ao sul de Beirute. O local, de excepcional riqueza em termos de biodiversidade, vestígios arqueológicos, práticas agrícolas e habitat, está classificado como protegido pelo Ministério do Ambiente desde 1997. Em 2005, o Plano mestre nacional para o território libanês preconizava que «a sua preservação é essencial». A partir de 2018, a campanha para salvar Bisri tomou uma amplitude nacional, estando o público cada vez mais saturado das derrapagens e desastres, em particular a crise do lixo. Durante a revolta que teve início em 17 de outubro de 2019, Bisri iria ser uma das causas em jogo, um dos lugares de confronto e também um sucesso. Os ativistas conseguiram repetidamente expulsar as equipes e o equipamento, apesar da repressão por parte das autoridades policiais e das intimidações a soldo dos empreiteiros. Serão necessários dois anos de lutas, de escândalos, de gritos e de sangue para que o Banco Mundial decida, no verão de 2020, suspender e depois cancelar permanentemente o seu empréstimo de \$ 474 milhões, enquanto os sucessivos governos mantinham o estado de coisas e não queriam saber de mais nada que não fosse começar as obras, num país em ruínas, endividado até ao pescoço, com uma população no limiar da fome. Apenas duas semanas após a publicação pelo Banco Mundial do fim do projeto, já se assinalavam os começos de incêndios florestais na região, felizmente dominados.

Os incêndios da noite de 13 a 14 de outubro de 2019 ultrapassaram a escala, ameaçando e destruindo áreas habitadas, culturas agrícolas e florestas em todo o país. Já não podiam passar na rubrica perdas e lucros, tanto mais que a frota de helicópteros destinada ao combate a incêndios permaneceu parada por falta de manutenção. Três dias depois, ir-se-ia atear um outro incêndio. Em 19 de outubro de 2019, a população saía à rua para exigir a saída da classe dirigente corrupta, criminosa e incompetente. Era o início da «Thawra» – Revolução. Dois anos mais tarde, nenhum destes dirigentes foi inquietado, o país está em bancarrota e a sua capital foi parcialmente pulverizada por uma explosão, cujo inquérito permanece e permanecerá no limbo.

Quando nada parece interromper a descida aos infernos do Líbano, há pessoas que se agarram a este pedaço de terra, que continuam a tentar fazê-lo viver e viver

<sup>12</sup> Saada Allaw, «Lebanon Dam Business: Destroying the Environment and Squandering Public Funds», *The Legal Agenda*, 18 mars 2020.

A ordem de Adriano  
E outras narrativas da porta dos infernos  
Gregory Buchakjian

**dob**  
**La**

nele. Esse apego tem algo de irracional. Que futuro pode oferecer um país onde não existe qualquer segurança, qualquer forma de instituição que funcione bem, onde a eletricidade é um luxo, onde o poder de compra perde 90% do seu valor num ano, onde faltam os bens essenciais? Que futuro num país ancorado na região mais maldita do planeta e do qual o único qualificador que parece consequente é o de «porta dos infernos»?



Oliveiras em Bechealeh. Fotografia: Gregory Buchakjian

«Nada terá lugar senão o lugar», escreveu Stéphane Mallarmé no poema «Nunca um lance de dados abolirá o acaso». Para além das misérias e dos conflitos, o lugar liberta uma força, uma energia dificilmente explicável. No Líbano, desde o nascimento

da pintura moderna no início do século XX, a paisagem tem-se mantido uma constante na produção artística, sendo muitas vezes portadora de mensagens sociais, políticas ou metafísicas. Será por acaso que as duas participações nacionais do Líbano na Bienal de Arquitetura de Veneza – ambas projetadas por mulheres com o mesmo nome – tenham querido explorar esse «vazio»? Em 2018, Hala Younes montara *The Place That Remains*, a partir de uma exploração cartográfica e de séries fotográficas da bacia hidrográfica do rio de Beirute. Em 2021, Hala Wardé apresentava *A Roof for Silence*, questionando: «Porque não pensar os lugares em relação com o seu potencial de vazio e não de cheio? Como lutar contra o medo do vazio na arquitetura? Como imaginar formas de gerar lugares de silêncio e recolhimento?». Hala Wardé solicitara a colaboração de Fouad Elkoury, que foi fotografar, na região de Douma, no norte do Líbano, as oliveiras mais antigas do país. Fouad Elkoury levou-nos, a mim e ao meu pai Sarkis, a ver essas árvores antigas cujos troncos se desmultiplicaram em esculturas cavernosas. Estávamos a 6 de outubro de 2019, uma semana antes dos grandes incêndios e duas semanas antes do início da revolta, mas não o poderíamos saber. Olhávamos para aquelas árvores com a emoção de nos confrontarmos com seres que sobreviveram a uma série contínua de catástrofes.



Inscrição de Adriano. Reserva de Jabal Moussa. Fotografia: Gregory Buchakjian

A ordem de Adriano  
E outras narrativas da porta dos infernos  
Gregory Buchakjian

**dob** **La**

Essas testemunhas já lá estavam – e já milenares – quando, no reinado do Imperador Adriano, foi mandada gravar na rocha a inscrição «MP HAD AVG DFS AGIV CP», abreviação de «IMPeratoris HADriani AUGusti DeFinitio Siluarum Arborum Genera Quatuor Cetera Priuata»<sup>13</sup>, ordenando a gestão e preservação de espécies vegetais.

Uma ordem que desejaríamos ver respeitada.

---

<sup>13</sup> Nota do tradutor: «Imperatoris Aadriani Augusti definitio siluarum arborum genera quatuor cetera priuata». Trad. «Determinação do imperador Adriano Augusto incidente em quatro géneros particulares diferentes de árvores das florestas».